

ASPECTOS DA ETNIA E ETNICIDADE NOS ELEMENTOS HUMANOS DA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO

ASPECTS OF ETHNICITY AND ETHNICITY IN THE HUMAN ELEMENTS OF THE PARROT'S BEAK REGION

Rodrigo Vieira do Nascimento¹
Verônica Ramalho Nunes²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar o papel da cultura e da identidade - etnia e etnicidade - no processo de nomeação dos topônimos (elementos humanos) da região do Bico do Papagaio localizada no Estado do Tocantins e estudar os aspectos línguo-motivadores desses elementos antropoculturais. A metodologia empregada não difere da adotada nos atuais estudos onomásticos, sendo que o percurso metodológico utilizado no estudo, apresentado por Dick (1980), foi o plano onomasiológico da nossa investigação, em que os mapas digitalizados dos municípios, disponibilizados na base do IBGE, são as fontes primárias para a análise do fenômeno onomástico.

Palavras-Chave: Toponímia; Etnia. Etnicidade; Bico do Papagaio.

ABSTRACT

The objective of this work is to identify the role of culture and identity - ethnicity and ethnic identity - in the process of naming toponyms (human elements) of the Bico do Papagaio region located in the State of Tocantins and to study the linguistic-motivational aspects of these anthropocultural elements. The methodology employed does not differ from that adopted in current onomastics studies, and the methodological approach used in the study presented by Dick (1980) was the onomasiological plan of our investigation, in which the digitized maps of the municipalities, made available at the IBGE base, are the primary sources for the analysis of the onomastic phenomenon.

Keywords: Toponymy; Ethnicity; Ethnicity; Bico do Papagaio.

1 INTRODUÇÃO

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins – UFT (Campus de Araguaína), rdrviera@hotmail.com.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins – UFT (Campus de Araguaína), bolsista CAPES, vevethin@gmail.com.

Os estudos onomásticos visam não apenas ao estudo linguístico para análise dos aspectos que motivam a nomeação dos topônimos, mas também a todos os elementos que compõem o processo de denominação. Desse modo, além dos estudos etimológicos, busca-se identificar diferentes fatores que motivam o denominador na escolha dos nomes, em função de outros, para nomear determinados locais. Com isso, os sujeitos na realização da ação de nomear situam-se sócio-históricamente e o topônimo deriva-se de diversas formas de produção.

A proposta desse trabalho é estudar os aspectos línguo-motivadores dos elementos humanos da região do Bico do Papagaio, na busca de identificar, por meio da etimologia e dos aspectos históricos dos nomes, os fatores motivacionais durante o processo de nomeação.

Os topônimos estão diretamente relacionados com os conceitos de homem e ambiente, pois o homem é o denominador dos elementos geográficos ao seu redor. Essa nomeação não é realizada de forma aleatória, mas por vários aspectos motivadores durante o processo de batismo desses nomes, e são empregadas suas marcas pessoais, além das influências externas (físicas) em relação ao ambiente que o cerca.

A análise toponímica segue uma metodologia que envolve aspectos da construção do texto onomástico. Possui um olhar teórico-metodológico do saber científico advindo dos nomes e apresenta uma forma de estudar a língua e suas variantes em diferentes contextos. Para este estudo, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo em vista que é uma pesquisa do tipo descritiva.

A análise apresentada nesse trabalho considera a formação e estrutura dos elementos humanos da região do Bico do Papagaio que designam os municípios. Foram identificados 13 topônimos para composição do *corpus* dessa pesquisa. As análises foram realizadas a partir da identificação das taxionomias que se revelaram entre antropotopônimos, com maiores ocorrências, seguidas de hagio-hierotopônimos e uma ocorrência para Poliotopônimo e outra para Animotopônimo/nootopônimo. Os resultados revelaram que as denominações desses elementos humanos são reflexos dos contextos motivacionais de períodos históricos peculiares da região e que os sujeitos denominadores exerceram grande influência e poder de escolha desses nomes, além de revelar aspectos políticos, sociais, ambientais e culturais da região.

2 ASPECTOS DA ETNOTOPONÍMIA NOS NOMES DE LUGARES

Etnia deriva do grego *Éthnos* = raça, povo, pode ser conceituada como a coletividade dos indivíduos, diferenciando-os pelas características culturais e sociais, refletidas, sobretudo através da língua, *modus vivendi*, religião dos grupos étnicos. Dick e Seabra (1997) ressaltam que:

O vocábulo etnia costuma ser definido pelos lexicógrafos contemporâneos como termo da Antropologia embora saibamos não se tratar de um termo exclusivo dessa área, mas de toda ciência que se utiliza da história, das religiões e, principalmente, da sociologia. Esse lexicógrafo acrescenta, ainda, que, para alguns autores, o termo “etnia pressupõe uma base biológica, podendo ser definido por uma raça, uma cultura ou ambas”, por isso, complementa, “o termo é evitado por parte da antropologia atual, por não haver recebido conceituação precisa”.

Segundo as autoras, abordar uma definição pronta e acabada para a palavra etnia implica muita dificuldade, devido à inexistência de uma explicação conceitual, pois o termo não possui uma definição fixa, o seu conceito pode ser modificado ao longo do tempo. Para Dick (2008, p. 177), é importante ressaltar a questão da localização espacial no que tange à definição de etnia.

O entendimento significativo do termo etnia, ou o seu próprio conceito definidor, passa, antes pelo crivo de vários fatores intrincados entre si, como localização espacial do grupo em questão, situação sociológica interna, tipologia das sociedades, práticas culturais características dos contatos, por exemplo. Além disso, posicionou-se, também, como dado fenomenológico a exigir atenção analítica, o próprio *corpus* linguístico utilizado no extrato comunicativo dos vários patamares da escala social (função diafásica da linguagem). Essa forma de expressão típica do local, do grupo étnico ou, mesmo, de indivíduos isolados (idioletos), insere-se nos chamados níveis sociolinguísticos de manifestação da linguagem propriamente dita, tanto do ponto de vista fonológico, como da realização sintagmático-semântica.

Nesse viés, as pesquisas onomásticas procuram identificar em que nível semântico e instância as rupturas e sentido original dos registros e variações instalaram-se. A partir desse reconhecimento, é possível se definirem os estudos dos vocábulos como denominativos em sua plenitude. O processo etnolinguístico viabiliza o resgate das estruturas dos locais e possibilita constituírem-se.

Para Carvalhinhos (2009), não se pode conceituar etnotoponímia e etnotopônimo sem relacionar a acepção etnonímia, proveniente do substantivo entnônimo, “palavra que designa tribo, casta, etnia, nação”. A partir desse termo, foi proposta a palavra etnotoponímia como taxionomia toponímica = *éthnos* + *topos* + *onoma*, o termo é utilizado para agrupar todos os topônimos de acepção semântica de tribo, etnia, nação e casta.

Dick (1992) *apud* Carvalhinhos explicita que a necessidade de definir os traços das linguagens faladas ao longo dos períodos históricos, cujos vestígios firmavam-se nos nomes de lugares regionais antigos, gerou a toponímia genética, ou seja, a etnotoponímia geral, de índole contrastiva.

Andrade (2015, p. 140) ressalta que:

Os topônimos são também objetos sociais, pois fazem parte de uma realidade social, de interação humana. Motivações e causas, as quais implicam o sistema de denominação dos topônimos, possuem uma estreita relação com o grupo social e a forma como ele vê o mundo ao seu redor. As atitudes humanas, por exemplo, com relação às línguas e aos nomes, de um modo geral, fazem parte dessa complexa interação social. Ou seja: as atitudes podem estabelecer vínculos afetivos ou não como os nomes de lugares, ou, ainda, dar ou não importância ao nome, enquanto entidade de valor histórico, arqueológico, identitário para o grupo.

Desse modo, analisar os valores dos grupos sociais e a sua cultura requer um estudo minucioso a partir da língua, pois é através dela que são apresentadas crenças, os costumes e pensamentos destes grupos sociais. A língua tem o papel preponderante quanto às práticas de representação empregadas pelo homem e explicita as atitudes, conhecimentos, crenças e valores de determinado grupo de falantes. Essas práxis são expressivamente representadas pelo léxico, de modo que os grupos nomeiam os ambientes ao seu redor, revelando a cosmovisão de seu grupo.

Implicado a isso estão os estudos toponímicos, que se ocupam em estudar os nomes próprios de lugares a partir dos designativos escolhidos pelos grupos humanos para denominar os elementos físicos e humanos, bem como os espaços ao seu redor. Nesse contexto, Sousa (2008, p. 01) ressalta que:

Cabe à Toponímia estudar a procedência da significação dos nomes dos lugares, levando em consideração aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que tenham influenciado sua escolha. Portanto, o campo de investigação toponímica não se limita ao aspecto linguístico ou etimológico.

O estudo toponímico possibilita a identificação dos lugares, evidencia as reminiscências em relação aos acontecimentos, compreende o domínio cultural e os valores de um grupo, reflete diretamente nas questões de memória, identidade conjunta dos povos. Quando um indivíduo ou comunidade linguística atribui um nome a um elemento humano ou físico, revelam-se tendências sociais, políticas, religiosas, culturais.

Os nomes de lugares podem ser caracterizados como uma riqueza cultural de um povo e refletem nos moldes de ocupação, de suas diversidades linguísticas, além do mais, possuem relações diretas com os locais denominados.

Para tanto, Oliveira (2001, p, 139) afirma que “a identidade cultural seria uma espécie de sentimento de pertencimento”, tendo em vista que pelo viés antropológico, identidade corresponde às experiências e às fontes de significado de um povo. Ela move os sentimentos, os valores, as crenças e diversos outros fatores presentes nas diversas comunidades, apresentando-se como reflexo da convivência humana.

Esses valores, inerentes à identidade, são estabelecidos por diversas maneiras de percepções, resultando em experiências e interpretações ímpares, pois integram paisagens, sentimentos, possibilidades e manifestações. As relações que os indivíduos mantêm com os nomes de lugares ressaltam o sentimento de pertencimento, e isso demonstra que conhecer o contexto histórico, a etimologia dos nomes reforça os sentimentos adquiridos pelo lugar.

Dessa forma, os nomes de lugares expressam, diretamente, relações entre o homem e o espaço geográfico, uma vez que o ato de nomear é essencialmente humano, estabelece vínculo social e cultural, diretamente ligado à ocupação, posse e conhecimento do local ou área nomeada. No processo de denominação considera-se a identidade e individualidade do lugar, e se confunde com a história e a memória dos povos.

3 ETNIA E ETNICIDADE NO CONTEXTO TOPONÍMICO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De início, consideramos imprescindível enfatizar que, pautados em Dick (2010, p. 179), o grupo está associado ao conjunto de pessoas participantes de um sentido étnico, que possuem o entendimento disposto proximamente ou comum àquele geral ou dominante nas categorias envolvidas. Diante dessa alusão, Flores enuncia que os grupos étnicos são “artesãos que trabalham nos suportes de culturas que se circunscrevem aos territórios e ecologias com histórias singulares, dotados de mobilidade, contato, informação e identidade: seus membros se identificam e são identificados por outros como diferenciáveis” (FLORES, 2008, p. 22). Quanto a isso, o autor complementa que é fácil imaginar os artefatos e os percursos das diferenças: línguas, costumes, histórias, tradições, rituais, crenças, etc.

Como elementos que integram a base fundamental das relações cotidianas ordinárias da vida de um indivíduo, podemos elencar, por exemplo, falar a mesma língua, possuir os mesmos hábitos, costumes e tradições, estar entranhado no mesmo ambiente humano e no mesmo território, entre outros. Tais fatores marcam tão profundamente a vida dos indivíduos, que se transformam num dos elementos constitutivos da sua personalidade e definem, ao mesmo tempo, o caráter específico do modo de viver de uma população. Por outro lado, as relações sociais que derivam do fato de pertencerem à mesma etnia criam interesses coletivos e vínculos de solidariedade caracteristicamente comunitários (BOBBIO, 2000, p. 449).

Sob essa ótica, o sentimento de pertinência e/ou pertencimento a uma etnia pode estar coligado à palavra *etnicidade*, uma palavra-valise que corresponde à identidade étnica de um determinado grupo. Como exemplifica Luzivotto (2009, p. 36), no cenário brasileiro, por exemplo, o reconhecimento de diferenças étnicas e expressões que podem ser chamadas de *etnicidade* – manifestadas por meio de identidades específicas – ocorrem nas populações indígena e negra, até de modo mais explícito, porque esses grupos sofrem mais, objetivamente, processos de discriminação e preconceito.

Todavia, em concordância com Luzivoto (ibidem, p. 29), a concepção de *etnicidade* “está além da definição de culturas específicas e, portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos”. E a respeito da complexidade de se estudar o conceito de *etnicidade*, Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 117) elucidam o seguinte:

Estudar a *etnicidade* consiste, então, em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato. A análise situacional da *etnicidade* liga-se ao estudo da produção e da utilização das marcas, por meio das quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, e ao estudo das escolhas táticas e dos estratagemas que acionam para se safarem do jogo das relações étnicas. Entre essas táticas figuram especialmente a alternância de identidades (*identity switching*), o domínio da impressão e os processos de *alter-casting* que permitem atribuir um papel étnico ao outro.

Essa acepção nos permite avançar no sentido de considerar as especificidades de uma identidade propriamente étnica, uma autoidentificação pela sociedade adjacente. Percebe-se, necessariamente, que a identidade étnica implica uma dada cultura. E a cultura faz parte da identidade étnica de um grupo, e tal identidade ultrapassa os aspectos culturais deste. Flores (2008) afirma que essa identidade étnica, a *etnicidade*, se mostra sempre em movimento e

motivada por sentimentos e afetividades em torno das sociabilidades cotidianas, afinal, as culturas vivem em constante mutação e holomovimento. E nessa problemática das variações que cada cultura traz consigo, Luzivotto (2009, p. 31) explicita que perpetuidade dos grupos étnicos “não é explicada em termos de manutenção de sua cultura tradicional, mas depende da manutenção dos limites do grupo, da contínua dicotomização entre membros e não membros de um grupo étnico”.

Compreendida por Cohen (1974) como fenômeno de natureza política ou econômica, remetendo a grupos de pessoas unidas em torno de interesses comuns, a concepção de etnicidade, com os estudos de Barth (1998), passou a ser entendida como forma de organização social, “baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.141).

Nesse processo, diante das suas percepções e sensações, o homem acaba designando, batizando, intitulado, nomeando aspectos da sua realidade. O ato de nomear expõe como as pessoas se organizam, pensam, vivem e classificam o espaço em sua plenitude, já que impregnamos, por meio de nossas habilidades linguísticas, nossas marcas sociais, históricas, culturais e ideológicas ao nomearmos seres e objetos. Para Seemann (2005, p.32), pelo ato de nomear, o espaço é simbolicamente transformado em lugar, que, por sua vez, é um espaço com história, marcado pela cultura. Nesse sentido, quando nomeamos lugares estabelecemos um vínculo cultural, diretamente, associado à ocupação, posse e conhecimento do local ou área nomeada.

Lugar e cultura são dimensões cognitivas necessárias para compreensão do espaço geográfico e indissociáveis para leitura do mundo. Segundo Seemann (2005, p.30), o ser humano se compreende pelo ambiente que habita e habitar um lugar significa conhecê-lo, transformá-lo e humanizá-lo. Trata-se de um espaço cultural, “que se determina tanto por sua dimensão territorial como por sua dimensão histórica” (BONNEMAISON, 2002, p. 255). E no encaixe de um trabalho mais gregário, a Toponímia se mostra como um interessante caminho, pois os nomes dos lugares revelam traços da língua, da cultura, da memória e da identidade de determinada comunidade.

Estudar os lugares e as culturas em toponímias geográficas é tecer o tempo pela memória do lugar, é revelar geografias impressas na paisagem, é compreender os traços culturais latentes e soterrados no *modus vivendi* de um grupo. Sendo assim, os estudos

toponímicos incluem um retorno às manifestações sócio-históricas e socioculturais de um determinado lugar, isso porque, “[...] todo topônimo resguarda uma motivação toponímica” (ANDRADE, 2012, p. 205).

Observa-se que os topônimos são meramente carregados de significados, dotados de valor simbólico e ideológico, por meio de sua historicidade, que reproduzem valores culturais ou são ainda representações, o que possibilita a construção de uma identidade espacial. Em conformidade, Correa (2003, p. 85) explicita que a Toponímia constitui-se uma relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural e ainda um poderoso elemento identitário. Portanto, a nomeação dos lugares relaciona-se diretamente com o *modus vivendi* dos grupos humanos, revelando sua cosmovisão, e os fatores culturais e de identidade são fundamentais nesse processo.

Na sociedade, o lugar acaba ganhando dois significados: posição social e localização espacial. Mas, além desses, tem outros significados mais profundos: “possui espírito”, “personalidade”, existe “sentido do lugar” (TUAN, 1979, p. 409). Para Yi-Fu Tuan, o lugar está associado ao sentido do pertencimento, assim, relacionado à identidade biográfica do homem com os aspectos e elementos do seu espaço vivido. Sob essa ótica, nota-se que o espaço ou mundo vivido incide sobre as forças de produção como manutenção e desenvolvimento de um grupo humano. Explicitamos a noção de produção como um modo de vida, incorporando a cultura dentro dessa produção humana. Portanto, crenças, danças, mitos, ritos, lendas são partes integrantes do processo produtivo e que podem refletir nas ações denominativas desse grupo, como, por exemplo, no ato de nomear lugares. Um nome de lugar se revela sobrecarregado de aspectos culturais, incorporado de significados no feixe de suas motivações geográficas toponímicas. Qualquer discussão sobre nomes de lugares, território e espaço deve partir do reconhecimento do ambiente como um fenômeno culturalmente abrangido.

Nesse ponto de vista, a Geografia cultural³ objetiva investigar as atitudes humanas relacionadas ao seu ambiente, ao espaço-temporal (o real vivido). Assim, é a percepção ambiental a matéria-prima do espaço vivido, a porta de entrada inicial dessa corrente de geografia. Ou seja: seu fito é a observação e a análise da experiência do lugar nas pesquisas sobre o espaço vivido. Nessa vertente, o lugar acaba correspondendo a uma função política, econômica, religiosa e cultural e, desse modo, está condizente ao espaço vivido do ser humano. E isso se justifica pelo fato de que “o homem é feito pelo ambiente geográfico” (HOLZER,

³ A ciência Geografia Cultural também tem como objetivo o estudo do nome de lugar, ou seja, o estudo toponímico.

2003, p. 118), ou melhor, “a 'situação' de um homem supõe um 'espaço' onde ele 'se move'; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência” (DARDEL, 1990 p.19). Constitui-se, assim, a noção de lugar como espaço primitivo que envolve nossas vontades, experiências, pensamentos, sentimentos e anseios.

Então, sob a ótica da Geografia Cultural, os conceitos geográficos de lugar, paisagem, território, territorialidade e espaço são investigados e examinados sob o prisma e a influência da dimensão cultural. Tal fato se revela, por exemplo, no regaste das tradições e memórias de um grupo, através dos dogmas, crenças, mitos, dança, culinária, entre outros. Esses elementos, de modo direto ou indireto, contribuem na constituição e no exercício da nomenclatura do lugar. Isso não quer dizer que se resume apenas aos aspectos materiais da cultura, mas a uma observação mais subjetiva a partir da identidade do grupo. O nome geográfico, neste estudo, é compreendido também como nome de lugar e está relacionado ao simbólico e ao lúdico, vinculado às questões étnicas, religiosas, mitos, ritos, lendas, dentre outros. Com efeito, compreende-se que a cultura, além de outras diversas motivações, torna-se mediadora nas ações denominativas do nome de um lugar: é o exercício da territorialidade através da cultura.

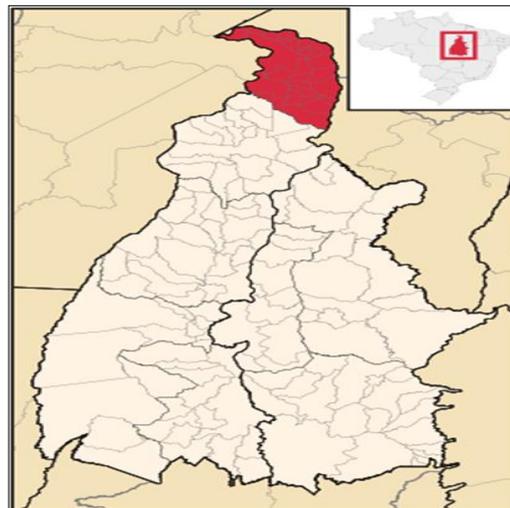
Nesse raciocínio, de fato, os nomes de lugares se inscrevem perfeitamente nos conceitos dispostos sobre etnia e etnicidade – pertencimento étnico -, “pois são frutos de um lento elaborar, que traduz e coordena todo processo de escolha e doação de designativo, que se chama apenas de “batismo” do lugar, como ocorre, cerimonialmente, com os indivíduos, em geral” (DICK, 2010, p. 179). Consideramos, assim, que os topônimos se enquadram nas concepções de etnia e etnicidade, quando, por sua vez, reconhecemos o nome de lugar como sendo um patrimônio linguístico e cultural, testemunho de uma comunidade. Quando notamos que após, materializado e corporificado, o nome torna-se um produto e o reflexo social e cultural da cosmovisão de um grupo, “referentes de uma realidade nomeada, objetos de uma cultura” (FONSECA, 1997, p. 18).

4 REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO: ELEMENTOS HUMANOS

Como ciência do léxico, a Onomástica, mormente, tem se apresentado como um amplo campo para investigações, posto que o levantamento e a análise dos signos lexicais, antropônimos e topônimos, constituem um resgate sócio histórico e cultural. No Brasil,

inúmeros trabalhos científicos têm sido desenvolvidos manifestando os fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia.

O Tocantins, localizado no centro geográfico do Brasil, tem despertado o interesse de estudiosos da área toponímica, por ser considerada uma região rica em nomes diferenciados e por se destacar também nos topônimos de filiação indígena.



O Tocantins é passagem terrestre natural entre o sul e o norte do país. Faz divisa com seis estados (Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso e Goiás) pertencentes às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O estado do Tocantins abriga diferentes ambientes, por estar numa zona de transição geográfica entre o cerrado e a floresta Amazônica, misturando animais e plantas das duas regiões. Apresenta características climáticas e físicas tanto da Amazônia Legal quanto da zona central do Brasil.

A microrregião do Bico do Papagaio, no norte do Estado, limita-se entre os rios Araguaia, a Oeste, e Tocantins, a Leste. Segundo o IBGE, dados de 2012, apesar de representar apenas 12% da superfície do Estado, esta área possui aproximadamente 15% da população total e abriga 25 dos 139 municípios: Aguiarnópolis,

Ananás, Angico, Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Cachoeirinha, Carrasco Bonito, Darcinópolis,

Esperantina, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia do Tocantins, Nazaré, Palmeiras do Tocantins, Praia Norte, Riachinho, Sampaio, Santa Tereza do Tocantins, São Bento do Tocantins, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sitio Novo do Tocantins e Tocantinópolis. Conforme IBGE (2012), ao todo, são 179.081 habitantes na região do Bico do Papagaio.

Primeiramente, para a realização do presente estudo onomástico-tocantinense, foi realizado um levantamento toponímico nos mapas oficiais do IBGE e na SEPLAN - Secretaria Estadual de Planejamento, ambas instituições com sedes na capital do Estado, o que, por consequência, serve de fontes primárias para o levantamento dos signos toponímicos, elementos humanos, e análise do fenômeno onomástico tocantinense. Toda a documentação de mapas e

Figura 1- Mapa do Tocantins composto pela divisão das microrregiões do estado.
Disponível em
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio>.
Acesso: 02 de agosto de 2016.

registros bibliográficos coletados consolidam o estabelecimento das etapas relativas ao estudo descritivo do ponto de vista etimológico, bem como a classificação taxionômica.

A maior parte dos habitantes desta região vivem na zona rural e as atividades econômicas predominantes são a produção agropecuária e a extração vegetal e mineral. O Bico do Papagaio, situado na zona de cocais, babaçuais e buritizais, têm papel relevante no processo de povoamento e desenvolvimento econômico desta região.

Os elementos humanos levantados para o *corpus* deste estudo foram selecionados a partir da análise etimológica realizada previamente e serão apresentados através de uma ficha lexicográfico-toponímica adaptada em que apresenta tanto dados linguísticos como dados históricos, geográficos, etimológicos, taxionômicos (natureza antropocultural), vistos da perspectiva interior de um contexto social, em um dado momento. A relevância desses dados auxilia na criação da identidade local de cada município. Desse modo, a ficha é de grande relevância para os resultados desse estudo, uma vez que, ao identificarem-se os signos motivadores, suas origens e sua evolução toponímica, resgatam-se os valores inseridos na base histórica, social e cultural dos municípios estudados.

Identificar e reconhecer o vínculo genealógico desses topônimos é fundamental para o desenvolvimento das próximas etapas desse estudo, que partem dos dados etimológicos, pois o objetivo é identificar as principais motivações durante o processo de nomeação dos nomes. O levantamento dos dados para montagem da ficha em questão estimula o saber-conhecer da história da comunidade e compreender a cosmovisão individual e coletiva que forma a identidade cultural e linguística de uma região, no caso, dos elementos humanos da região do Bico do Papagaio.

Para realização da análise, identificamos 13 municípios que compõem os elementos humanos, os quais integram o *corpus* desse estudo. O modelo metodológico adotado para esse trabalho é a partir do método de Dick (1980) de classificação toponímica, e serão analisados sob a ótica dos elementos humanos ou antropocultural. O modelo metodológico de classificação taxionômica de Dick é referência para as pesquisas toponímicas no Brasil.

Tabela I: Taxionomias toponímicas de Dick (1990)

NATUREZA FÍSICA	NATUREZA ANTROPOCULTURAL
Astrotopônimos	Animotopônimos/ nootopônimos
Cardinotopônimos	Antropotopônimos

Cromotopônimos	Axiotopônimos
Dimensiotopônimos	Coronotopônimos
Fitotopônimos	Cronotopônimos
Geomorfotopônimos	Dirrematotopônimos
Hidrotopônimos	Ecotopônimos
Litotopônimos	Ergotopônimos
Meteorotopônimos	Etnotopônimos
Morfotopônimos	Hierotopônimos
Zootopônimos	Hagiotopônimos
	Historiotopônimos
	Numerotopônimos
	Poliotopônimos
	Sociotopônimos
	Somatotopônimos

Fonte: Dick (1990) (adaptado)

O modelo taxionômico que norteou esse estudo pautou-se em Dick (1990a, p. 26), e deve, portanto, ser interpretado como:

Um instrumento de trabalho que permitirá a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos, procurando suprir a demanda da pesquisa. Tentou-se, tanto quanto possível, nessa análise, evitar as necessidades de um constante recuo ao passado histórico, para se atingir o alcance do significado do topônimo. Este seria fornecido pela interpretação linguística de seus elementos formadores, tão somente. Por isso mesmo, todo o processo de pesquisa desenvolve-se em um nível sincrônico de averiguação dos fatos, reservando-se o levantamento diacrônico dos dados concorrentes para o estudo descritivo das taxes, isoladamente consideradas.

As taxionomias apresentadas na análise são:

Animotopônimos ou Nootopônimos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria-prima fundamental, e, em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex.: vitória: Vitória (AH CE); triunfo: (AH AC); saudade: cachoeira da Saudade (MT); belo: Belo Campo (AH BA); feio: rio Feio (SP).

Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: prenome: Abel (AH MG); Benedito (igarapé, MT); Fátima (AH MT); hipocorístico: Bentinho (AH MG); Chiquita (ilha MT); Nico (Igarapé, AC); prenome + alcunha: FernãoVelho (AH AL); Joaquim Preto (igarapé di, PA); Silva (AH PA); Tavares (rio SP); Prenome + apelido de família: Antônio Amaral (AH MG); Francisco Dantas (AH RN; Manuel Alves (rio GO).

Hagiotopônimos: topônimos relativos aos santos e santas do hagiologio romano: São Paulo (AH SP); Santa Tereza (AH GO); Santana da Boa Vista (AH RS).

Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maomentana, etc.. Ex.: Cristo Rei (AH PR); Jesus (rio GO); Alá (lago AM); Nossa senhora da Glória (AH AM); às efemeridades religiosas: Natividade (AH GO); Natal (AH AC); às associações religiosas: Cruz de malta (AH SC); aos locais de culto: igreja: serra da Igreja (PR); Capela: Capela (AH AL); Capelazinha (AH MG).

Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: rio da Cidade (RJ); Serra da Aldeia (PB); Arraial (AH BA); Vila dos Anjos (AH MG); Povoação (AH PI); Tabapuã (AH SP).

A classificação dos elementos de natureza antropocultural abrange ruas, praças, fazendas. A partir do modelo taxionômico metodológico desenvolvido por Dick (1980), podemos afirmar que os topônimos podem ser inseridos nos mais diversos eixos de significação, de acordo com suas classificações físicas ou antropoculturais.

Seabra e Santos (2012, p. 246) apresentam diversas informações que os topônimos podem oferecer.

[...] o nome de lugar nos fornece valiosas informações: i) aponta a origem histórica de povos antigos e a localização, com precisão de sítios desaparecidos; ii) oferece descrições preciosas de relevos, apontando paisagens que já tenham desaparecido em decorrência da ação antrópica ou da natureza; iii) indica a localização de nomes de rochas, estruturas do solo, locais antigamente minerados; iv) aponta um amplo corpus de nomes de lugares que se refere à fauna atual ou desaparecida; v) fornece conhecimento sobre a vida religiosa, agrícola, etnológica, dentre muitos outros dados.

Nesse ponto, a Toponímia abarca hidrografia, vegetação, clima, relevo, etnia, origem do povoamento, implicações folclóricas, etimologia e suas transformações linguísticas, sobretudo, no aspecto semântico-lexical. Os estudos toponímicos possibilitam aos grupos humanos a recuperação de dados de sua história e trajetória, também levam em consideração aspectos relativos ao ambiente, cultura e o meio social acerca do espaço geográfico específico influenciando o denominador ao batizar os nomes.

É importante compreender os nomes de lugares a partir de diferentes vertentes, olhares e áreas de atuação, pois por se organizarem de maneira dinâmica, constantemente transformam-se no tempo e no espaço, sobrepondo-se valores religiosos, sociais, culturais, econômicos e políticos.

Para demonstrar os dados analisados, segue uma tabela com a apresentação dos elementos humanos da região do Bico do papagaio.

Tabela II: Elementos Humanos Região do Bico do Papagaio

Topônimos	Taxionomia
Aguiarnópolis	Antropotopônimo
Augustinópolis	Antropotopônimos
Darcinópolis	Antropotopônimos
Esperantina	Animotopônimo/nootopônimo
Luzinópolis	Antropotopônimo
Maurilândia do Tocantins	Antropotopônimo
Nazaré	Hierotopônimo
Santa Tereza do Tocantins	Hagiotopônimo
Sampaio	Antropotopônimo
São Bento do Tocantins	Hagiotopônimo
São Miguel do Tocantins	Hagiotopônimo
São Sebastião do Tocantins	Hagiotopônimo
Sítio Novo do Tocantins	Poliotopônimo

Fonte: Dos autores

Serviram de subsídios para a análise dos dados os trabalhos de Theodoro Sampaio, os dicionários Aurélio, Houssais, Silveira Bueno, Eugênio de Castro, Rosário Ferâni Mansur Guérios, as cartas topográficas localizadas na base IBGE e Secretaria de Planejamento do estado e dados pesquisados da internet.

Apresentaremos as fichas lexicográfico-toponímicas adaptadas que foram desenvolvidas de forma detalhada, considerando os seguintes elementos que contemplam o estudo toponímico onomástico: topônimo, etimologia, taxionomia, histórico e fontes.

Município: Aguiarnópolis	Topônimo: Aguiarnópolis
EH: Município	Taxionomia: Antropotopônimo
<p>Etimologia: ³sobr. Port. Top.: do lat. <i>aquilare</i>, ou derive. De <i>águia</i> com sufixo <i>-ar</i> (-al) Primit.: “lugar onde ordinariamente habitam águias”. – O primeiro desde sobr. Foi Pedro Mendes de Aguiar, que viveu em tempo de D. Henrique séc. XII). ⁴gr. <i>polis, eōs</i> ‘cidade’, pelo lat. <i>polis, is</i> ‘id.: ver ‘poli.</p>	
<p>Histórico: ⁶O Município de Aguiarnópolis foi criado pela lei estadual nº 687 de 26 de maio de 1994, com área desmembrada do município de Tocantinópolis, e implantado em 01 de janeiro de 1997.</p>	
<p>Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.</p>	

Município: Augustinópolis	Topônimo: Augustinópolis
EH: Município	Taxionomia: Antropotopônimos
<p>Etimologia: ³-A, lat., medieval <i>Augustus</i>: “o maior, o máximo do (império)”. Deriv. De Augustus: “consagrado, sagrado, santo, sublime, venerado”.</p> <p>⁴rad. do lat. <i>augustianus, a, um</i> 'relativo a Augusto' + <i>-ismo</i></p> <p>⁴gr. <i>polis, eōs</i> ‘cidade’, pelo lat. <i>polis, is</i> ‘id.: ver ‘poli.</p>	
<p>Histórico: ⁶Em 1972, Manoel Marinho de Souza Brito, foi eleito por São Sebastião do Tocantins, vereador. Em 1974, solicitou a Câmara Municipal, a elevação a distrito do povoado? Centro do Augusto?, o que se verificou pela Lei n° 8.107, em 14 de Maio de 1976, passando a denominar de Augustinópolis, um composto de Augusto (fundador) com Tocantinópolis, cidade natal do então vereador autor do projeto. Augustinópolis, foi crescendo rapidamente. Em 11 de Maio de 1982, pela Lei n° 9.180, foi criado o Município de Augustinópolis com o topônimo do distrito desmembrando-se do município de São Sebastião do Tocantins. O primeiro prefeito eleito foi o Sr. Manoel Marinho de Souza.</p>	
<p>Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.</p>	

Município: Darcinópolis	Topônimo: Darcinópolis
AH: Município	Taxionomia: Antropotopônimo
<p>Etimologia: ³fr. Darcy, top.: “d’Arcy, n. de localidade de origem ou feudo (Aisne, Yonne)”</p> <p>⁴gr. <i>polis, eōs</i> ‘cidade’, pelo lat. <i>polis, is</i> ‘id.: ver ‘poli.</p>	
<p>Histórico: ⁶O município de Darcinópolis foi elevado à categoria de município com a denominação de Darcinópolis, pela lei estadual n° 251, de 20-02-1991, alterado pela lei estadual n° 498, de 21-12-1992, desmembrado Tacantinópolis. Sede no atual distrito de Darcinópolis (ex-povoado). Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1993.</p>	
<p>Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.</p>	

Município: Luzinópolis	Topônimo: Luzinópolis
AH: Município	Taxionomia: Antropotopônimo
<p>Etimologia: ³f. pop. Por. De <i>Lúcia</i>, do lat. <i>Lucia</i>, pronunciado com a tônica no i por influência do Gr., <i>Loukía</i>. Cp. O it. <i>Lucia</i> (pron. Lutxía). Sta. Luzia era natural de Siracusa (Sicília); martirizada no séc. IV (303 ou 304), sob Diocleciano.</p> <p>⁴Regionalismo: Brasil. denominação pela qual ficaram conhecidos os liberais exaltados, no início do Segundo Reinado [Tal epíteto provém da derrota que, em 1842, sofreram os rebeldes mineiros na cidade de Santa Luzia MG frente às tropas legalistas do então barão de Caxias.]</p> <p>⁴gr. <i>polis, eōs</i> ‘cidade’, pelo lat. <i>polis, is</i> ‘id.: ver ‘poli.</p>	
<p>Histórico: ⁶O município de Luzinópolis foi elevado à categoria de município e distrito através da Lei Estadual n° 684, de 26-05-1994, sendo desmembrado do município de Tocantinópolis. Sua instalação se deu em 01-01-1997.</p>	
<p>Informações enciclopédicas: ⁷Ministério Público Estadual (MPE) ajuizou ação de improbidade administrativa contra a prefeita de Luzinópolis, Carla Cristina da Silva. Os Promotores de Justiça Caleb Melo e Leonardo Olhê Blanck alegam que a prefeita desobedeceu os princípios da administração pública de dar publicidade aos atos, ao negar informações sobre as prestações de contas da prefeitura, referentes ao ano de 2009, balancetes de 2009/2010, cópias de procedimentos licitatórios diversos, comprovantes de receitas e despesas de convênio, dentre outros. Disponível em http://www.jornalstylo.com.br/noticia.php?l=33c3659c3ea4a7036ce7c1d2cd8fb1ab. Acesso em jun. de 2011.</p>	
<p>Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.</p>	

Município: Maurilândia do Tocantins	Topônimo: Maurilândia do Tocantins
AH: Município	Taxionomia: Antrotopônimo
<p>Etimologia: ⁴Mauro latim <i>maurus</i> – Adj.v. mouro – individuo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia; mauritano, mauro.</p> <p>⁴-lândia, pospositivo, do Teotônio comum, como ‘terra, país, região, extremamente frequente em top. Das línguas Anglo Saxãs, alatinados tardiamente com o recurso do suf. – ia de locativos pátrios; em port. Além de top. Como Finlândia, tem servido para forma <i>ad hoc</i> de muito valor afetivo e pitoresco, como pagolândia, brotolândia, pelo menos Brasil.</p> <p>¹<i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. <i>Alt. Tocantim</i>.</p> <p>Histórico: ⁶Através do projeto de lei estadual nº 251, de 20-02-91, publicada pela segunda vez no Diário Oficial de 14-06-91, foi criado e emancipado o Município de Maurilândia do Tocantins, desmembrado do município de Tocantinópolis. Em 01 de janeiro de 1993, foi instalado oficialmente o Município de Maurilândia do Tocantins e também empossados os novos vereadores da Câmara Municipal, a qual teve como presidente o vereador Raimundo Pereira Feitosa.</p> <p>²<i>Tocantins</i> ou <i>Tucantins</i> “nariz de tucano”, nome de uma tribo que habitava as margens desse rio.³<i>Tocantim</i> 1. indígena que teria pertencido aos <i>Tocantins</i>; 2. Relativo ao <i>tocantim</i> ou aos <i>Tocantins</i>, <i>Tocantins</i>. Etnol. 3. grupo indígena que teria habitado junto à foz do rio Tocantins PA, etnm.br: <i>Tocantim</i>.</p> <p>Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.</p>	

Município: Sampaio	Topônimo: Sampaio
AH: Município	Taxionomia: Antropotopônimo
<p>Etimologia: ³sobr. Port. Top., deriv. de <i>Sanctus Pelagius</i>, depois <i>Sam *Peaio</i> e <i>Sam Paaio</i>. V. <i>Pelágio</i>. – “Procedem de Vasco Pires de Sampaio, filho de Pedro Álvares Osório, Senhor da Casa de Vilalobos, Conde de Trastamara, e primeiro Marquês de Astorga, em Galiza...” “Tomou o apelido da Honra de Sampaio, junto a Vilaflor...” (A. V. B. e B. P. S.).</p> <p>Histórico: ⁷Sampaio localiza-se a uma latitude 05°20'54" sul e a uma longitude 47°52'23" oeste, estando a uma altitude de 115 metros. Sua população estimada em 2004 era de 2.589 habitantes. Possui uma área de 201,741 km². Recebeu esse nome por seu primeiro morador se chamar José Sampaio.</p> <p>Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.</p>	

Município: Sítio Novo do Tocantins	Topônimo: Sítio Novo do Tocantins
AH: Município	Taxionomia: Poliotopônimo
<p>Etimologia: ⁴lat. <i>situs,us</i> ‘posição, situação, assento’ e atribuindo o termo –io à infl. De asedio ‘assédio’ <lat. <i>obsidio, ois</i> ‘ação de sitiar. Cerco’ ou à do v. sitiar, que Tb. significou ‘sentar’ (em cat. E occ, e se explica como adp. Octânica do b. –lat. <i>situāre</i> ‘situar’.</p> <p><i>Novo</i>⁴t. <i>nòvus,a,um</i> ‘id.’ que nasceu ou apareceu recentemente (diz-se esp. de seres vivos)Ex.: <i>folhas n.</i></p> <p>¹<i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. <i>Alt. Tocantim</i>. ¹<i>Tim, Ti</i>, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de <i>tinga</i>, branco, alvo. V. <i>Ti</i>.</p> <p>Histórico: ⁶Sítio Novo foi elevado a categoria de Distrito por força da Lei nº 01/63, de 9 de fevereiro de 1963, da câmara municipal de Itaguatins-TO. Em 1963, a Lei Estadual nº 4.683/63, de 14 de outubro de 1963, eleva o Distrito de Sítio Novo de Goiás a categoria de município, desmembrando do município de Itaguatins e aos seus habitantes dando-se o nome de sitionovenses. Com a criação do Estado do Tocantins, a Assembléia Legislativa por disposição do Decreto Legislativo nº 01/89, de 1º de janeiro de 1989, no artigo 4º, alterou o nome de Sítio Novo de Goiás para Sítio Novo do Tocantins.</p>	

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

Dentre os topônimos do *corpus* da pesquisa, verificamos que a taxa que prepondera na denominação dos topônimos municipais da região do Bico do Papagaio é a dos antropotopônimos, que relaciona-se aos nomes individuais (os antropotopônimos). Isso revela a tendência disseminada entre as populações da região quanto ao emprego de nomes de pessoas, ou seja, do referencial antroponímico em lugares.

Segundo Dal Pizol (2014, p.107), os antropotopônimos são constituídos por nomes de pessoas, que podem ser estruturados, de acordo com Dick (1990, p. 370), por conjuntos onomásticos completos formados por prenome (nome de pessoa) mais o apelido de família (sobrenome) ou em usos isolados de prenomes, apelidos de família, alcunha (apelido) e hipocorísticos (tratamento familiar carinhoso).

Os antropotopônimos analisados desse estudo, em sua maioria, são constituídos por entradas lexicais com nomes completos (prenomes). Assim, é possível constatar os antropotopônimos como antecedentes motivadores do batismo de lugares na microrregião pesquisada, evidenciando o poder simbólico preservado através dos topônimos. Em relação ao Poliotopônimo identificado, esta taxa está representada apenas pelo termo sítio, ao qual referem-se as taxas relacionadas aos aglomerados populacionais.

A seguir serão apresentadas as fichas lexicográfico-toponímicas e análise dos topônimos que partem de hagio-hierotopônimos e os Animotopônimo/nootopônimo.

Município: Esperantina

Topônimo: Esperantina

AH: Município

Taxionomia: Animotopônimo/nootopônimo

Etimologia: ³sobr. Port., deriv. do lat. **sperantia*. É de origem religiosa, uma das virtudes teológicas. ⁴ *Tina S.F.* pequeno vaso, de diferentes formatos e variadas dimensões, para conter líquidos **2** vasilha de aduelas, semelhante a um barril cortado ao meio, us. para transportar água, lavar roupa etc. **3** vaso de pedra ou metal em que se toma banho; banheira

Histórico: ⁶O município de Esperantina, foi elevado à categoria de município com a denominação de Esperantina, pela lei estadual nº 251, de 20-02-1991, alterado em seus limites pela lei nº 498, de 21-12-1942, desmembrado de São Sebastião do Tocantins e Buriti do Tocantins. Sede no atual distrito de Esperantina (ex-povoado). Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1983.

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

Município: Nazaré

Topônimo: Nazaré

AH: Município

Taxionomia: Hierotopônimo

Etimologia: ³(de), n. origem cristã; usado com o n. *Maria: Maria de Nazaré*, da invocação – Virgem ou senhora de Nazaré. Usa-se também tão-só Nazaré; fem.

Histórico: ⁶O município de Nazaré foi criado em 28/12/1958, constituindo área do município do mesmo nome e sendo instalado oficialmente no dia 1º de janeiro de 1959.

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

Município: São Bento do Tocantins **Topônimo:** São Bento do Tocantins

AH: Município **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Etimologia: ³lat. *sanus, a, um* ‘são, sadio’; ver san-.. ⁴*São* do latim sanu. 1 – Que tem saúde, sadio, homem são. 2 – Reto, íntegro, justo. 3 – Puro, impoluto, imaculado.

³lat. *benedictus, a, um* ‘bendito’, part. Pás. De benedicere; verbom- e diz-.

¹*Tucan-tim*, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. *Alt. Tocantim*. ¹*Tim, Ti*, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de *tinga*, branco, alvo. V. *Ti*.

Histórico: ⁶O primeiro topônimo dado a São Bento do Tocantins foi Lagoa de São Bento, associada ao ribeirão São Bento e de uma lagoa próxima ao povoado. Em 1959, o padre Vitório Brusaterra fundou a primeira capela com a ajuda da comunidade. O padroeiro da cidade é Bom Jesus da Lapa. Em 1966, o povoado passou à condição de Distrito Judiciário da Comarca de Araguatins. Lagoa de São Bento foi elevada à categoria de município com o nome de São Bento do Tocantins pela Lei Estadual nº 251/89. O município foi instalado no dia 1º de janeiro de 1993.

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

Município: São Sebastião do Tocantins **Topônimo:** São Sebastião do Tocantins

AH: Município **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Etimologia: ³lat. *sanus, a, um* ‘são, sadio’; ver san-.. ⁴*São* do latim sanu. 1 – Que tem saúde, sadio, homem são. 2 – Reto, íntegro, justo. 3 – Puro, impoluto, imaculado.

³lat. *Sebastianus*, do Gr. Seastianós, f. ampliada de Sebastós: “augusto, magnífico, venerável”. Fem.: Sebastiana. It. Sesastiano. Esp. Sebastián. Fr. Sébastien.

¹*Tucan-tim*, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. *Alt. Tocantim*. ¹*Tim, Ti*, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de *tinga*, branco, alvo. V. *Ti*.

Histórico: ⁷O povoamento teve início em 1940, liderado pelo Sr. José dos Passos Milhomem, fundador da cidade. A Lei Estadual nº 4.584 de 1º de outubro de 1963 deu autonomia política ao Distrito de São Sebastião com o topônimo de São Sebastião do Tocantins, desmembrado do Município de Itaguatins. O nome São Sebastião é em homenagem ao mártir São Sebastião, padroeiro da cidade, festejado todos os anos pela população no dia 20 de janeiro.

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

Município: São Miguel do Tocantins **Topônimo:** São Miguel do Tocantins

AH: Município **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Etimologia: ³lat. *sanus, a, um* ‘são, sadio’; ver san-.. ⁴*São* do latim sanu. 1 – Que tem saúde, sadio, homem são. 2 – Reto, íntegro, justo. 3 – Puro, impoluto, imaculado.

Miguel ³hebr.: “quem (*mikha*) é como Deus (*El*)?” (Dan, 10:13; 12:1).

¹*Tucan-tim*, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. *Alt. Tocantim*. ¹*Tim, Ti*, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de *tinga*, branco, alvo. V. *Ti*.

Histórico: ⁶O município foi elevado à categoria de município e distrito com a denominação de São Miguel do Tocantins, pela Lei Estadual nº 251, de 20-02-1991, alterada em seus limites pela Lei Estadual nº 498, de 21-12-1992, desmembrado do município de Itaguatins. Sede no atual distrito de São Félix do Tocantins (ex-povoado). Constituído do distrito sede, instalado em 01-01-1993. Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

Município: Santa Tereza do Tocantins **Topônimo:** Santa Tereza do Tocantins

AH: Município

Taxionomia: Hagiopônimo

Etimologia: ³lat. *Sanctus, a, um*, que tem caráter sagrado, augusto, venerado, inviolável, respeitável, no lat.ecl.s.m ‘bem-aventurado’, do part. de *sancio, is, xi, ctum, cire*, ‘da, pôr, estabelecer, nomear, criar, consagrar, dedicar, prificar’, ver *sat-*.³Tereza, o n. aparece, pela primeira vez, na Espanha, onde uma mocinha grega, por ter nascido na ilha de Therasía (Egeu), foi chamada em lat. , Therasia (ou Therasia), e após convertida ao Cristianismo, em Barcelona, foi esposa de Paulino Nola, em 390, o qual, mais tarde, veio a ser sacerdote, e bispo em 410. – Do Lat., Theresia o port. T(h)eresa. O arc. Tareja (Tareija, Tareigia) Nascentes o justifica por um lat. Tharasia. O significado de Teresa é, portanto, “a natural de Terásia”. – O n. tornou-se popular desde Santa Teresa de Jesus (Séc. XVI) e, atualmente, por Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897).

¹*Tucan-tim*, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. *Alt. Tocantim*. ¹*Tim, Ti*, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de *tinga*, branco, alvo. V. *Ti*.

Histórico: ⁶O Município foi criado em 5 de outubro de 1989, em divisão territorial datada de 01-01-1979, e elevado à categoria de município com a denominação de Santa Tereza do Tocantins, pela Lei Estadual nº 10.426, de 05-01-1988, desmembrado do município de Novo Acordo. Sede no atual distrito de Santa Tereza do Tocantins (ex-Santa Tereza do Norte).

²*Tocantins ou Tucantins* “nariz de tucano”, nome de uma tribo que habitava as margens desse rio.³*Tocantim* 1. indígena que teria pertencido aos *Tocantins*; 2. Relativo ao *tocantim* ou aos *Tocantins, Tocantins*. Etnol. 3. grupo indígena que teria habitado junto à foz do rio Tocantins PA, etnm.br: *Tocantim*.

Fonte: ThS¹, Eugênio de Castro², Guérios³, Houaiss⁴, Aurélio⁵, IBGE⁶, Internet⁷, Silveira Bueno⁸.

É comum observarmos que muitos municípios recebem denominação religiosa. A nomeação de lugares é fortemente influenciada pela devoção religiosa, e isso acontece ao longo dos anos e da história. Os nomes de santos e santas predominam no quadro de escolhas denominativas e isso é possível verificar-se pelas preferências regionais e pelo emprego sistemático desses topônimos.

Foram identificadas cinco ocorrências dos levantamentos que partem de hagiopônimo entre os municípios que compõem a região do Bico do papagaio. Isso demonstra a devoção dos santos presentes nos registros onomásticos analisados, bem como reconhecer a extensão da fé na região. Essas nomeações marcam as atitudes pessoais e sociais do denominador a partir dos lugares nomeados pelos santos de devoção. Em relação aos locativos religiosos, Melo (2013, p. 01) declara que:

Os nomes referenciais de lugares representam uma projeção aproximativa do real podendo evidenciar, também, a realidade sociocultural de uma região, na medida em

que revela características de crenças e fatos religiosos. Na verdade, esses designativos remetem ao ser humano, em um determinado contexto sociocultural, revelando indícios e marcas que permanecem firmadas no locativo mesmo quando a motivação toponímica, ocorrida no ato denominativo, não mais existe.

É pertinente ressaltar que as investigações toponímicas promovem não apenas análises linguísticas, mas um estudo da cultura local e das relações dos grupos sociais com o seu meio. Em relação aos animotopônimos, pode-se considerar que para o processo de nomeação desse topônimo levou-se em consideração as expectativas positivas do denominador que ficaram perceptíveis no nome.

Com isso, a partir das análises realizadas, observamos o resgate da memória refletida através das motivações toponímicas identificadas, cujo foco estabelece a relação intrínseca entre religião, cultura e língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo final da pesquisa é verificar do o padrão médio motivador dos topônimos do Estado, em especial a região do Bico do Papagaio, buscando-se constatar o papel da cultura e identidade - etnia e etnicidade - no processo de nomeação dos topônimos (elementos humanos). As investigações da etimologia, do significado e das transformações linguísticas, dos topônimos analisados, de certo, possibilitam um conhecimento maior da língua e da identidade tocantinense.

O presente trabalho onomástico-toponímico permitiu-nos descobrir a realidade linguístico-cultural da área analisada. Notamos que os nomes individuais (os antropotopônimos) foram taxes determinantes ao longo da história toponímica da região tocantinense investigada. Dos 13 topônimos antropoculturais analisados, seis são constituídos por entradas lexicais com nomes de pessoas. O que revela a predisposição dos nomes de pessoas no processo de nomeação. Os dados apresentados ainda são sutis, porém, podem servir de motivação para a realização de novas pesquisas antropotoponímicas no Estado, com o intuito de verificar a fundo as inúmeras razões pelas quais uma determinada localidade tocantinense recebeu o nome de uma pessoa.

Similarmente, outro fator determinante no processo de nomeação dos lugares dessa região foi a influência da devoção religiosa, o que demonstra a presença da religiosidade da

classe dominante de um grupo sócio-linguístico-cultural do Estado do Tocantins na prática de nomear cidades por meio de hagio-hierotopônimos.

Os dados onomásticos-toponímicos do Tocantins, que se encontram, em sua maioria, preenchidos *ipsis litteris* em fichas lexicográfico-toponímicas, apresentam aspectos linguísticos, históricos, geográficos e etimológicos dos elementos humanos da região do Bico do Papagaio. O levantamento toponímico na referida região permitiu-nos, ainda, conhecer a história dos municípios, suas particularidades e a cosmovisão individual e coletiva na construção da identidade sociocultural, histórica e linguística do povo dessa microrregião.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Estudo etnolinguístico e etnotopônimo dos rios Araguaia e Tocantins nos séculos XVIII, XIX e XX.** (Pós-doutoramento em Linguística). Coimbra, 2015.

_____. Karylleila dos Santos. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na Interdisciplinaridade. **Revista Eletrônica de Linguística Domínios de Linguagem**, v. 6, n. 1, p. 205-225, mar./jun 2012.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** SP: Imprensa Oficial, 2000.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3).** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132. (Série Geografia Cultural).

CARVALHINHOS, P. J. **Etnotoponímia Comparada e Antroponímia: Sistemas de Nomeação e Fundamentos do Nome Próprio.** Cadernos do CNLF (CiFEFil), Rio de Janeiro, 2009. Vol. XII, Nº 9 p. 106-117.

CASTRO, Eugênio. *Ensaio da geografia linguística.* São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941.

DARDEL, Eric. **L’homme et la terre: Nature de la réalité géographique.** 2ª ed. Paris: Ed. CTHS, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Etnia e Etnicidade. Um outro modo de nomear. Projeto ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Volume IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

_____. Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil**: Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP.1990a.

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 3ª ed. São Paulo: 1992.

_____. Fundamentos teóricos da toponímia: estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (Variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p, 91-117.

_____. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Etnotoponímia em Minas Gerais. In: **Papéis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens**. Campo Grande, MS: UFMS, v. 16, n. 31, 2012.

_____. Etnia e Etnicidade. Um outro modo de nomear. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Vol. IV. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2008, p. 177-197.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

FLORES, Elio Chaves. Nós e Eles: etnia, etnicidade, etnocentrismo. In: Maria Nazaré T. Zenaide; Rosa M. G. Silveira; Adelaide A. Dias. (Org.). **Direitos Humanos**: capacitação de educadores. Brasília; João Pessoa: MEC/UFPB, 2008, p. 21-40.

GUÉRIOS, Rosário Antônio Ferâni Mansur. **Nomes & Sobrenomes**. São Paulo: Artpress, 2004.

HOLZER, Werter. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente. In: **Território / LAGET, UFRJ**. – ano II, N.º 3 (jul. / dez. 1997) – Rio de Janeiro: Garamond, 1997. p. 77-85.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Mapas municipais**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/mapas_ibge/fis.php . Acesso em julho de 2016.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. Etnicidade e identidade étnica. In: LUVIZOTTO, CK. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2.

MELO, P. A. G. Língua e Cultura: A Materialização do Discurso Religioso no Léxico Toponímico da Mesorregião do Leste de Alagoas. In.: **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental**, ano 02, nº 04. Cruzeiro do Sul (AC): UFAC/CEL (Campus Floresta), 2013.

OLIVEIRA, Pécio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2001.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SANTOS, Diego Junior da Silva; PALOMARES, Nathália Barbosa; NORMANDO, David; QUINTÃO, Cátia Cardoso Abdo. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar**. Dental Press J. Orthod, Maio-Junho, 2010.

SEEMANN, J. A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. **Revista Vivência**, Natal, n. 29, p.207-224, 2005.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. Corrigida e aumentada. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

SOUSA, A. M. Etnotoponímia Acreana: Reflexos da Cultura Nordestina em Nomes de Seringais. In.: **Recorte Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**. Ano 5 – Número 8 – Janeiro a Junho de 2008.

TUAN, Yi-Fu. (1979). Space and place: humanistic perspective. In: Gale, S.; Olsson, G (eds.) **Philosophy in Geography**. Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387-427. (publicado originalmente em: *Progress in Geography*. (6): 211-252, 1974)